



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11749 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 22 - Educação Ambiental

Educação ambiental de base comunitária: uma práxis na direção da diferença e do outro
 Mariana Moraes de Miranda Montenegro Martins - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
 ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA: UMA PRÁXIS NA DIREÇÃO DA DIFERENÇA E DO OUTRO

Atravessando a pandemia de 2020, com o cenário exponencialmente crescente de destruição da sociobiodiversidade e das condições de vida no planeta, torna-se cada vez mais evidente a incompatibilidade entre equilíbrio ambiental e a ideia de desenvolvimento sustentável do sistema-mundo moderno capitalista. Fazendo um contraponto à ideia hegemônica de desenvolvimento temos uma insurgência de saberes decoloniais, pindorânicos e afro-diaspóricos, que estão falando no sentido da diferença e de uma interculturalidade que visa a uma radical transformação social e dos modos de viver. Refletimos então sobre outras formas de relação com a natureza, numa concepção de mundo não verticalizada e não antropocêntrica. A partir de uma educação ambiental que fomenta a re-inscrição epistêmica das subjetividades subalternizadas com suas práticas específicas e dos saberes locais aplicados às diferentes realidades. Valorizando a formação de um sujeito coletivo na articulação de alternativas regenerantes para as urgentes questões socioambientais. Numa visão de mundo biocêntrica, em que a vida ocupa o centro, a lógica que predomina não é a lógica individualista e racializada, mas a da coletividade e da diversidade. É tramando rede que a vida se sustenta. Por isso, a discussão que fazemos a partir de uma revisão de literatura seguida de reflexão é de uma educação ambiental de base comunitária e de uma práxis libertadora que não é em direção ao *mesmo*, mas que acontece sempre na direção do *outro*. Enrique Dussel atribui à palavra “práxis” o seguinte sentido: “(...) o ato humano que se dirige a outra pessoa humana, ato em direção a outra pessoa e a própria relação de pessoa a pessoa”. (1986:18). Por isso, uma articulação das gentes subalternizadas pode constituir-se numa forma de resistência ao modelo de mundo predatório que colapsa a vida na Terra. O

esgotamento desse modelo nos impulsiona a trazer à tona os mundos encobertos, com seus saberes locais e ancestrais para articularmos outras formas de viver. "Um pensamento "outro", que orienta o programa do movimento nas esferas política, social e cultural, enquanto opera afetando (e descolonizando), tanto as estruturas e os paradigmas dominantes quanto a padronização cultural que constrói o conhecimento "universal" do Ocidente". (WALSH, 2019:16). Numa perspectiva de re-existência desde o Sul-global são confrontadas as ficções hegemônicas e canônicas. Transvaloram-se, para uma justiça social e cognitiva, práticas e políticas. Pedagogias insurgentes dão voz e vez à diversidade, a uma constelação de sentidos que transbordam das margens subalternizadas. "(...) só através da inteligibilidade recíproca e consequente possibilidade de agregação entre saberes não-hegemônicos é possível construir a contra-hegemonia". (SANTOS, 2002:265). Pensamos assim na assunção de um sujeito coletivo para a composição de sociedades com a natureza. A partir do reconhecimento da alteridade, da legitimação do outro e do envolvimento real como presença viva nas paisagens e nos territórios localizados. Por isso, consideramos a importância do diálogo e da negociação intercultural para a construção de caminhos de convivência. "A luta do presente pode ser resumida entre aqueles que estão tecendo em comum e aqueles que rasgam a possibilidade do comum, como os novos velhos fascistas", diz Eliane Brum em "Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo" (2021:242). A jornalista escreve desde Altamira, no Pará, onde vive, sobre a importância de aprender a "deslocar-se de si para experimentar outra experiência de ser – e de ser juntas" (2021:243). Assim que pensamos uma educação ambiental enunciativa de outras narrativas, intensificadora de experiências de ser-em-comum, formadora de sujeitos para essa textura de novos mundos. Na experiência como educadoras, vemos que a sensibilização para as questões socioambientais passa por assumirmos outras perspectivas, pela capacidade de *outrar-se*, pelo alargamento das fronteiras de contato na direção da legitimação do outro (incluindo aí a natureza) como sujeito. A pandemia, os atuais dados da ciência do clima, e mesmo o que observamos nas ruas, no noticiário, no cotidiano, revelam a gravidade da crise socioambiental a que chegamos. A partir dos saberes insurgentes, contra-hegemônicos, postulamos narrativas outras em Educação Ambiental que possam nutrir as subjetividades para além das monoculturas da mente, e reflorestar as paisagens devastadas pela sanha do capital. Novos territórios epistêmicos, com outras cosmovisões, vêm sendo reinventados nos territórios das lutas dos movimentos sociais de base. Numa grafia que realça a práxis dirigida ao outro como sujeito, não reificado, valorizando as relações que se estabelecem de modo horizontal. Como diz Bell Hooks: "Ser guiado por amor é viver em comunidade com toda a vida". (2021:223). Viver assim passa por aprender a conviver. Por refazer nossas ligações com a natureza, com o sagrado da vida na sua imanência, que liga, como os micélios do solo, toda uma rede que flui intrinsecamente juntas. Por isso, uma educação ambiental de base comunitária será formadora de espaços de convivência, valorizando iniciativas geradoras de vida, que promovam novos modos de ser, de fazer e de conhecer no mundo.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Decolonialidade; Comunidade.

Referências

BRUM, Eliane. Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

HOOKS, Bell. *Ensinando comunidade: Uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

SANTOS, S. Boaventura. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista crítica de Ciências Sociais, 63, 2002.

WALSH, Catherine. *Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial*. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). V.5, N.1, jan-jul, 2019.